



COMERCIAL
R\$ 2,1570 compra
R\$ 2,1590 venda

Amazonas em Tempo

INCLUIDO A PARCELAMENTO INCLUIDO



MANAUS: 25°C
MÍNIMA: 18°C

Presidente: Hemergildo Junqueira

Manaus, domingo, 08 de outubro de 2006 - ANO XVII - Nº 5.723

Preço R\$ 2,00

www.amtempo.com.br

Diretor-Executivo: Otávio Romanes Neves

6 • MOSAICO

Amazonas em Tempo

DOMINGO • 08/out/2006

Mario Christian Meyer

Parte I

Aliança entre conhecimento tradicional e biotecnologia

Por mais de 15 anos, vimos buscando incessantemente – em parceria com instituições/organizações internacionais, como a UNESCO, Europaínas como a Comissão

Europeia, Francesas como o *Collège de France* ou a *Sorbonne*, Brasileiras como o INPA ou o Centro de Biotecnologia da Amazônia, com Organizações Indígenas como a FEPI, bem como com indústrias de ponta – encontrar a forma mais pragmática de salvaguardar e valorizar a rica biodiversidade Amazônica e Atlântica e como resalta do valioso conhecimento indígena baseador ameaçado de extinção.

Como resultado desses esforços, concluímos que a forma mais viável de salvaguardar essas riquezas únicas do planeta, oferecendo ao mesmo tempo condições dignas de existência a essas populações nativas da floresta, consiste em criar uma **aliança inovadora e evolucionária** entre os conhecimentos tradicionais e as biotecnologias. Os conhecimentos tradicionais, porque representam o primeiro passo, *in situ*, do conhecimento ancestral – empírico – dos recursos genéticos da floresta. As biotecnologias, porque constituem o instrumento ideal que o mundo moderno desenvolveu para valorizar a biodiversidade. Hoje o modelo está disponível.

Como o Índio poderá utilizar uma biotecnologia para criar bio-produtos?

Muitos se perguntam: será o Índio capaz de utilizar uma biotecnologia? Da resposta do homem branco (sua confiança) a esta pergunta crucial dependerá em grande parte o sucesso da preservação e da exploração racional da biodiversidade amazônica e atlântica.

Temos constatado nos últimos anos, e principalmente nesta última missões, que muitas autoridades políticas e empresariais de alto porte, com quem tive inúmeras e verementes discussões e que certamente se reconhecerão na leitura deste artigo, estão vendo o conhecimento parcial da realidade indígena e consideram que os Índios já perderam o conhecimento que tinham da Natureza, das plantas medicinais... Muitos dos que estão lendo estas linhas pensam da mesma forma. Torna-se assim vital pontuar: é verdade que a maioria dos Índios que se encontram nas proximidades das cidades já estão aculturados e que, face ao poder da cultura dominante, não estão mais em condições de "exercer" a sua identidade Índia. Essa é uma análise rápida e obsequiosamente



Pr. F. Bourgaard, Dr. Benoit, Pr. E. Gontier e Pr. M.C. Meyer nas estruturas da PNT

incompleta, é verdade que muitas pessoas acreditam que os Índios só sobreviveram graças à FUNAI, e que muitos outros creem que se não fosse o "paternalismo" de algumas ONGs eles já teriam desaparecido. Porém, é fundamental lembrar que os Índios, antes da chegada dos Conquistadores, já viviam aqui há pelo menos 11 000 anos (desde o paleolítico superior). E sobreviveram, por milhões, sem a ajuda de quem quer que seja, num dos meios mais arcaicos e hostis do planeta, em grande parte pelo conhecimento afiado das plantas medicinais que lhes permitiram sanar as inúmeras agressões que o meio lhes infligia. Hoje ainda, estima-se que 10% dos cerca de 358 000 Índios do Brasil

(<http://www.iadeg.gov.br/ibgeetm/datas/indios/mnras.html>, estimativas do IB: 350 a 550 mil) ainda vivem em contato com o homem branco e em perfeita harmonia com a Natureza, mantendo a integridade de seus conhecimentos tradicionais: chamam-se os "Índios isolados". É um caso único no mundo! Provavelmente, pelo menos

outros 30%, com contatos ocasionais com a civilização "branca", guardam um conhecimento preservado das suas culturas ancestrais e dos recursos naturais, como podemos relatar em forma de inventários detalhados num trabalho que realizamos para a UNESCO (Meyer, M. C., *Amerindian Communication and Sustainable Economic Development Programme for a Culture of Peace in Brazilian Amazonia*, Report of Activities and Evaluation, UNESCO, 2000-2003, 250p.).

Os que já visitaram as comunidades indígenas do alto dos afluentes do rio Amazonas, como o Alto Javari, depois de Atalaia do Norte, a última cidadinha onde ainda existem alguns brancos, ou como o Alto Tipiá, antes de chegar à Colômbia..., estes conhecem os Índios em questão e seu potencial.

Os Índios isolados podem ainda merecer a denominação de "Príncipes da Floresta". As comunidades indígenas que mantêm um alto grau de preservação psico-cultural têm por

vocação tornarem-se os "Guardiões da Biodiversidade" no contexto da PNB - Política Nacional de Biodiversidade, e poderão aspirar a manter a denominação de "Doutores da Natureza" (não há espaço aqui para citarmos o inventário que fizemos de todas as contribuições do Índio à ciência, como a *crepitaína*, *pliocarpina*, *quinaína*, *talocarpurina*, *cinquina*, *capitrolina*,...), à indústria, como o líteu da *hevea*.

Mas, para tanto é necessário que atuemos rapidamente, pois o contato com o homem branco (e não com o melhor representante da nossa espécie: madeireiros ilegais, garimpeiros com mercúrio...) é inescapável.

Neste sentido, tudo indica que a única forma de preservar o que resta da inestimável cultura indígena, face à poderosa civilização branca, consiste em fornecer ao Índio os instrumentos da tecnologia moderna que lhes servirão de escudo protetor ao mesmo tempo em que lhes fornecerá a possibilidade de exercer uma função digna dentro da sociedade contemporânea: em troca, o seu saber enriquecerá assim certos aspectos da biotecnologia e ele se tornará mestre em alguns tipos de bio-produtos que correspondem aos anseios e demandas da sociedade contemporânea. Esses bio-produtos terão, pelas nossas parcerias com centros de excelência tecnológicos e com organizações como a UNESCO, um selo de qualidade, de respeito da propriedade intelectual e de partilha equitativa dos benefícios.

Para elevar esse intercâmbio e a bio-produção pelo Índio, criamos uma metodologia prática denominada *Capig Indígena*, que associa determinadas práticas da mitologia indígena relacionadas à biodiversidade com determinados processos da biotecnologia. Analisamos assim a perfeita correspondência que existe, por exemplo, entre o mito indígena "O limbo e a origem da água" e a biotecnologia que desenvolvemos "PAT (Plantas à Train = Planta a ordenar)" ou "*Milking Plant Technology*". De tal forma que os Índios já produziram uma espécie de biotecnologia empírica aplicada às plantas medicinais, bem antes que esta palavra existisse.

PARTI II no próximo caderno: "Como o resgate cultural pode ajudar o Índio aculturado e a nossa sociedade" e "Empresários/Industriais e Comunidades da Floresta com o mesmo objetivo: Biotecnologia incluída ao alcance do Índio e com alto valor agregado para a bio-produção".

Mario Christian Meyer é Professor, Doutor, Presidente do PISAD (Programa Internacional de Salvaguarda da Amazônia, Mata Atlântica e Ameríndios para o Desenvolvimento Sustentável) – Paris, em parceria institucional e financeira com a UNESCO - Programa 00 BRA 085: "Amerindian Communication and Sustainable Economic Development Programme for a Culture of Peace"; Professor Convitado junto à *Universités de Paris - Sorbonne* e Membro Titular da *Société de Médecine de Paris*